

Depredação Escolar - dinâmica da violência

Ser diretor de uma Escola Pública, nos dias de hoje, não tem sido a mais fácil das tarefas. Considerado, nos meios educacionais, um burocrata a serviço das cúpulas administrativas, o diretor se ocupa basicamente em garantir o cumprimento das leis e normas oriundas dos órgãos centrais. Atolados nas tarefas burocráticas, que restringem suas ações pedagógicas junto aos alunos, eles sentem, cada vez mais, a perda de prestígio e autonomia.

A esta situação vivida pelos diretores acrescentem-se os graves problemas que eles enfrentam com um fenômeno sempre presente no espaço escolar: a violência. Os noticiários com frequência apontam esta cruel realidade: "Ex-aluno invade escola para roubar um tênis e atira em uma das alunas que tenta impedi-lo". Assaltos, estupros, depredações delineiam um quadro nada animador.

Escrever sobre a violência na Escola é de extrema complexidade, pois corremos o risco de apreendê-la segundo categorias que explicam e documentam os fatos violentos, mas que não nos ajudam em nossa vivência diária. As análises em termos de classe social, crise econômico-familiar, apesar de sua importância, parecem não dar conta do dinamismo intrínseco da violência.

Neste artigo, reúno alguns dados de uma pesquisa sobre depredação escolar(2) realizada no período de 1988 a 1989, na cidade de Campinas. A depredação representou o fio

1 Doutora em Filosofia da Educação pela Unicamp; Professora de Cultura Brasileira na Faculdade Anhembí-Morumbi.

2 Apresentada como tese de doutoramento à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas- Unicamp, em novembro de 1990.

condutor que me levou a percorrer caminhos não muito conhecidos. Havia uma força expressa nas manifestações violentas, que não poderia ser explicada somente por "revolta" ou pela existência de "lares desestruturados".

Foram as reflexões em torno das obras do sociólogo Michel MAFFESOLI que me auxiliaram a recolocar a questão da depredação escolar numa perspectiva mais ampla. A intenção de MAFFESOLI não é inventar uma teoria da violência - uma vez que a sua natureza é convulsiva, informe, irregular, obscura -, mas sim reconhecer os elementos que a compõem⁽³⁾. Nesse sentido, o autor destaca três modalidades de violência: **a violência dos poderes instituídos**, ou a violência dos órgãos burocráticos, dos Estados, do Serviço Público - essa modalidade é analisada em sua obra *A Violência Totalitária*; a **violência anômica**, que para o autor parece ter uma função fundadora; e a **violência banal**, que está ativa no que o autor chama a resistência da massa - essas duas últimas são estudadas em seu livro *Dinâmica da Violência*.

A Violência dos Poderes Instituídos

Em *A Violência Totalitária*, MAFFESOLI coloca a planificação e o controle racionalizados da vida social como sendo os objetivos fundamentais da burocracia. O mecanismo da burocratização leva à centralização de tudo o que é da ordem do policial, do fiscal, do militar, e o resultado é a criação de um aparelho administrativo que garantirá a gestão de seus meios centralizados.

Outro elemento da burocracia é a domesticação da paixão, da agressividade que planifica o acaso, interioriza a coerção e serve de base ao produtivismo e à ideologia do trabalho.

Para MAFFESOLI, a burocracia resulta da lógica da homogeneização, que impede a expressão dos antagonismos internos a todo corpo social. Quando o princípio de heterogeneidade se satura, estamos diante do totalitarismo ou do que se pode chamar sociedade de controle e de dominação.

Com a burocracia, nasce uma classe dirigente que controla tudo o que escapa à produção propriamente dita. O explorador é uma entidade anônima, que está presente na vida cultural da família, no trabalho, nos meios de comunicação de massa, no teatro, no lazer, na Educação. A vida passa a ser controlada nos mínimos gestos, e o individualismo culmina no seu oposto, ou seja, numa vida completamente desapropriada⁽⁴⁾, pois o que predomina nesse processo de individualização é a planificação, a imposição, a repressão e a assepsia da existência cotidiana. O indivíduo isolado passa a ser manipulado como uma criança por um Estado tutelar, que promete segurança diante do acaso, de um futuro incerto, mas exige o nivelamento da existência social, em que cada indivíduo pode ser tomado por outro.

A supremacia do individualismo é enfatizada por uma organização estatal totalitária que, segundo MAFFESOLI, parece explicar o processo de atomização cada vez maior da nossa sociedade, ocasionando uma diferenciação generalizada e, paralelamente, uma exacerbação da violência sangüinária cotidiana.

3 Michel MAFFESOLI. *Dinâmica da violência*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1987, p. 21.

4 IDEM, *A violência totalitária*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 228.

A dominação tem por resultado o controle do indivíduo por si mesmo que, através do processo educacional, aprende a regular a sua vida pulsional. A adaptação a normas, a padrões sociais cria o hábito de recalcar emoções impulsos, imaginação. O trabalho passa a ser vivido, na civilização ocidental, como "alvo em si", como valor dominante da existência individual e social.

Quanto maior for o alcance da uniformização, maior brilho terá a violência. A homogeneização faz desaparecer a coesão do social, conduzindo a sobressaltos violentos.

Segundo MAFFESOLI, "reduzir a coisa política ao poder ou à luta pelo poder, é ater-se a um campo fechado(5),' daí a necessidade de se tentar captar o que pode contrabalançar o poder, restituindo ao seu campo a sua dimensão múltipla, pois há sempre rupturas, brechas, fatos, criações que escapam cia sentido do poder, à síntese e à unificação que ele pretende conseguir. Cada elemento que determina o poder contém uma alternativa potencial.(6) Somente se dando conta desse deslizamento é que se pode visualizar a ambivalência social. Essa ambivalência nos ensina que uma forma de poder só existe num jogo misterioso com a potência.

Para o autor, o consenso social se enfraquece quando o que constitui a força ou a potência social não é mais reconhecido, não é mais desempenhado "ritualmente"(7), cristalizando-se num indivíduo, fortalecendo o poder e rompendo a ressonância entre o micro e o macrocosmo. Porém, uma instância não subordina a outra e o que temos é um jogo sempre recomeçado entre o poder e a potência.

O totalitarismo fracassa sempre, pelo menos em parte "graças ao irreprimível querer-viver social que corrói incansavelmente as diversas formas da imposição mortífera(8) . Aos elementos do totalitarismo juntam-se sempre as forças que impedem o seu êxito completo. A qualquer momento a monopolização pode ser frustrada por "ruídos", perturbações anódinas que "à maneira de um grão de areia, num mecanismo aperfeiçoado, podem trava-lo totalmente".(9)

A organização cada vez mais policiada de nossa sociedade, na qual domina o terror pela violência, a ideologia da segurança, gera a "manifestação perversa da potência", a que MAFFESOLI também chama "violência sanguinária "(10). Trata-se, então, de exercer a soberania sobre o todo social, pela conjunção ou ordenamento das diferenças. Nesse sentido, os antagonismos não são suprimidos, mas sim ordenados de modo a manter um pluralismo através do qual se capte a ambigüidade, o múltiplo, a ruptura contínua que constituem o tecido da vida cotidiana.

5 Ibid., p. 36.

6 A "potência" é uma pulsão (no sentido simples do termo), que se expressa em todos os níveis da existência individual e social, é um modo de exprimir a cristalização do coletivo - em outras palavras, o simbólico. (MAFFESOLI, op. cit., 1981, p. 45). Enquanto a lógica do poder é a dominação, a redução ao uno, a potência conduz ao pluralismo, à diversidade do real que constitui a vida social em sua "labilidade" . (MAFFESOLI, op. cit., 1981, p. 51.)

7 O ritual, em suas diversas manifestações, é o que dá flexibilidade ao corpo social. Segundo MAFFESOLI, é a forma de exteriorizar todos os sinais que ligam as pessoas entre si, tornando-as conspiradoras. (Conforme anotações de aula do curso **A Cultura Pós-moderna**, ministrado pelo Professor Michel MAFFESOLI, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no período de 18/10 a 1 °/11 de 1989.)

8 Ibid., p. 212.

9 Ibid., p. 172.

10 Ibid., p. 53.

Segundo MAFFESOLI, é a incoerência do presente, sujeito ao acaso, ao aleatório, que faz fracassar o projeto totalitarista, toda vez que ele parece triunfar. Explosões sociais, revoltas, o fim de uma dinastia, uma guerra ou uma catástrofe natural vêm sempre lembrar que o presente é imprevisível e que é inútil programá-lo. Enquanto a "utopia racionalista" projeta para o futuro a realização da comunidade perfeita, a "utopia social" inscreve-se no presente, vivendo-o com intensidade.

O descomedimento, o excesso, a violência são compreendidos num quadro em que vida e morte se interpenetram numa circulação constante. Essa violência tem a função de fundação, recriando o "nós" inicial que funda esta ou aquela organização de indivíduos pelo prisma do "ritual" que instaura a coletividade. Esse "ritual" socializa a violência, destacando a sua função de construção ou o que MAFFESOLI denomina "violência anômica".

A Violência Anômica

Esta é uma violência fundadora, que mostra a capacidade que uma sociedade tem de identificar-se com ela mesma, de estruturar-se coletivamente, quando assume e controla a sua própria violência.

As manifestações anômicas⁽¹¹⁾ existem em todas as formas de revolta e indicam a busca de uma estruturação social alternativa. Há uma "revolta latente" que explode regularmente, exprimindo o desejo irreprimível do querer-viver social. A tendência à destruição, à agressão, à crueldade é um dado fundamental da vida social e, nesse sentido, é preciso ver como ele participa da estruturação da civilização, em vez de negá-lo ou eliminá-lo.

Para MAFFESOLI, a violência é um fenômeno ambivalente, pois a destruição sempre é vista como uma agressão intolerável, que só posteriormente é sentida como fundamento da estruturação social⁽¹²⁾. O autor admite que há mais vitalidade nos comportamentos destrutivos - a perda, o desgaste, a morte, as revoltas - do que nas atitudes que representam oficialmente a vida, como a ordem, a planificação, o acordo⁽¹³⁾. O excesso é a necessidade irreprimível que o homem tem de se dizer inteiramente aqui e agora, protegendo-se da dominação. Nas manifestações de excesso, a violência fundadora torna passageiro tudo o que existe de ordem no mundo, lembrando que "é sempre por um ato de violência que se inicia um novo sistema social"⁽¹⁴⁾.

A violência, a crueldade, a desordem, a perda são aspectos da vida cotidiana levados ao extremo. Essa relação entre excesso e vida cotidiana exprime um processo orgânico⁽¹⁵⁾,

11 O poder, nas sociedades modernas, está cada vez mais distante do conjunto social, intervindo no cotidiano dos indivíduos, nos detalhes de sua existência. Essa centralização culmina no que MAFFESOLI chama de totalitarismo, que destrói a coesão social pelo processo da homogeneização, da negação das diferenças. Essa imposição, que compartimentaliza a vida social, gera a resistência, ou seja, as manifestações anômicas que expressam as diferentes formas de ilegalidade. (MAFFESOLI, *Dinâmica da violência*, p. 23.)

12 Ibid., p. 39.

13 Ibid., p. 43.

14 Ibid., p. 53.

15 MAFFESOLI aponta a existência de uma organicidade das coisas e das pessoas, da natureza e da cultura, enfim, uma correspondência entre micro e macrocosmo. O caráter da dimensão orgânica é a "sua capacidade de integrar a perspectiva paradoxal", uma vez que ela reconhece os riscos, as incoerências da vida em sociedade. (MAFFESOLI, *O conhecimento comum*, p. 158.)

unindo a monotonia à intensidade, a partir do momento em que cada um é aceito como elemento de um conjunto.

Todos os descomedimentos se baseiam na incerteza do futuro e representam uma forma de protestar contra o que não é um eterno presente. Inútil julgá-los moralmente, pois é impossível refrear a explosão das efervescências constitutivas do dado social.

Enquanto a heterogeneidade gera a violência, e ao mesmo tempo é fonte de vida, a homogeneização pacífica é mais potencialmente mortífera. Em sua estrutura, a violência sempre inicia uma nova ordem, inscrevendo-se num duplo movimento de destruição e de fundação. Essa ambivalência orgânica da violência permite a "perdurância social"(6). Todas as figuras anômicas tornaram-se modelos canônicos na sociedade. O tipo anômico é vetor de antecipação; seu prazer de destruir é sempre a garantia de um desejo de construção. Aponta-se aqui para a passagem de uma desordem existente, ou melhor, de uma ordem degenerada, a uma ordem nova ou regenerada. É essa parte sombria que permite a relação com a vida.

O aspecto construtivo da violência possibilita compreender essa forma social como um auxiliar da ordem. Os revolucionários, os banidos que terão o poder, o pensador maldito que se tornará referência obrigatória, o artista desacreditado que acabará impondo uma nova moda, todos esses exemplos mostram a existência de um duplo movimento unindo anomia e ordem. Nessa ambigüidade, a violência funda, simultaneamente, sua utilização e sua destrutividade. Para o autor, a subversão, em todas as suas formas, não escapa a esse mecanismo de equilíbrio social, pois a anomia é um elemento complementar de um equilíbrio global, não almejando a destruição do sistema. A existência trágica de muitos heréticos que enlouqueceram, suicidaram-se ou foram assassinados não deixou de criar, com suas obras e sacrifícios, uma nova ordem.

MAFFESOLI quer mostrar que a violência nunca é absolutamente desenfreada, porque ela entra num processo de "negociação", de adaptação. Considera importante ressaltar que se por um lado nada escapa ao plano da adaptação, por outro a violência não pode ser reduzida à sua estrutura utilitária. Porém, o autor constata que o desenvolvimento da sociedade industrial provocou o rompimento da polaridade destruição-construção, apontando o surgimento de uma violência estritamente utilitária, racionalizada.

Ocorre aqui o que ele denomina "racionalização da violência". O controle passa a ser operado no âmbito de um monopólio administrativo, com seus especialistas e peritos, que nega a violência e conduz a uma organização social assética, suprimindo as diferenças e remetendo à monotonia da equivalência generalizada(17). Temos, então, a dominância de um valor, com irrupções regulares e violentas do rejeitado, e não mais organicidades de elementos que se equilibram relativamente de modo harmonioso, sem que a crueldade seja excluída. Desse modo, a violência pode tornar-se terror, pois é através de sua racionalização que se difundem a criminalidade, a insegurança urbana, acentuando a sua instrumentalização. Essa violência, destacada de sua essência ritualística, transforma o que é luta de todos contra os outros em luta de cada um contra

16 MAFFESOLI não usa essa noção no sentido de compromisso ou aceitação do status quo; ele aponta para uma capacidade de resistência das massas que permite a expressão não só dos excessos, como dos pequenos atos cotidianos que se esgotam em si mesmos. Isso assegura a manutenção do "querer-viver societal", que, embora não esteja incorporado ao povo de modo consciente, constitui um "saber de fonte segura". (MAFFESOLI, O tempo das tribos, p. 50.)

17 IDEM, A violência totalitária, p. 235.

todos. Nesse processo de atomização, a violência é **interiorizada e o poder é exercido** de modo a encontrar ressonância entre os dominados que, em troca de segurança e fé no progresso, deixam prevalecer o controle sobre suas vidas. Esse controle se ramifica pelo conjunto do corpo social, não suportando o plural naquilo que ele tem de excessivo e até de cruel. Ocorre um processo de nivelamento que destrói exatamente o que permite a coesão social.

MAFFESOLI indica o vaivém entre ordem e desordem, fundamentando a estruturação social, mas se um dos pólos for bloqueado, o equilíbrio será rompido. Quando a violência é objeto de uma "negociação", sendo assumida pelo ritual, pelo jogo, pela festa, pelo riso, pela fala etc., ela passa a restaurar a harmonia conflitual do coletivo. Viver regularmente a sua morte de todos os dias, enfrentar a crueldade e a morte é ritualizar a violência. Nesse sentido, o ritual permite que, de uma maneira simbólica, haja o desenvolvimento de forças tanto agregadoras como antagônicas, incluindo-se aí a perda, o desgaste, os conflitos, os excessos, sob todas as suas formas.

Como exemplos de "ritualização da violência", MAFFESOLI cita as diferentes regulamentações das armas e meios de luta, os precários "direitos humanos", os rituais dos duelos e das competições esportivas, os regulamentos dos jogos, os consensos nas cidades gregas que visavam provocar ou terminar uma guerra(18). A realidade constante de toda a vida social, pontuada de atitudes minúsculas, também se estrutura e se exprime através de ritos. Os ritos podem variar no tempo, mas apresentam caracteres imutáveis. O ritual, em sua tendência repetitiva, é o que protege da agonia do tempo que passa e que serve de barreira contra a dominação absoluta. As formas rituais, em sua ambivalência, ao afrontarem o destino, protegem da morte eficazmente, pelo fato de verbalizá-la. Os diversos rituais religiosos ou teatrais dão muitos exemplos desse processo catártico, no qual a morte está constantemente presente pela repetição e, por isso mesmo, sempre sendo negada. Esse automatismo ritual permite o surgimento de uma proteção contra a morte.

Se a violência é ritualizada por diversos mecanismos, ela se integra harmoniosamente, torna-se fundadora; caso contrário, se for reprimida ou negada, explode na crueldade. O ritual, em suas diversas manifestações, é o que dá flexibilidade ao corpo social e também pode ser considerado, segundo MAFFESOLI, como o paradigma de uma resistência passiva. Chegamos, então, à terceira modalidade da violência.

A Violência Banal

Existe uma passividade que não se integra ao instituído, mas que se opõe a ele, subvertendo o poder. A "banalidade" é tudo o que está fora do alcance de todo o poder exterior, mas que alicerça o prazer de estar junto. Submissões aparentes podem representar resistências reais, desde que se considerem as atitudes que, tomadas em conjunto, tendem a quebrar ou pelo menos desviar as imposições da planificação social. Nesse sentido, a alienação da sociedade nunca é absoluta, porque a socialidade(19) se organiza entre dois pólos: a aceitação e a resistência. Essa expressão espontânea do querer-viver irreprimível recusa a atomização e retira a sua força das minúsculas atitudes do cotidiano.

18 IDEM, *Dinâmica da violência*, p. 18.

19 O social seria a forma analítica de ver o mundo, simplificada pelas determinações econômica e política; a **socialidade** é uma forma analógica, rica de múltiplas possibilidades. O domínio da socialidade se exerce no insignificante, no banal, em tudo o que escapa à finalidade macroscópica. (MAFFESOLI, *A conquista do presente*, p. 12.)

Para MAFFESOLI, o conformismo das massas pode ser a expressão de uma duplicidade, pois ao invés de usar o ataque frontal, a sua estratégia é a prudência e a astúcia para enfrentar as imposições do controle social. São atitudes passivas no interior das quais essa duplicidade se enraíza e se desenvolve no cotidiano, estruturando uma existência dupla, cortada, sem sentido, descontínua, que recusa a subjugação total e permite a sobrevivência social e individual. Não há nem uma recusa absoluta, nem uma adesão arrebatada, mas uma atitude subversiva que é "expressão de saúde". Essa atitude astuciosa, de modo passivo, perverso⁽²⁰⁾ duplo, move o social, que resiste aos massacres dos valores oficiais; e os indivíduos, aparentemente integrados a esses valores, preservam um tanto para si, sobrevivendo às imposições da ordem social. Não se luta contra os valores estabelecidos, mas procura-se ganhar distância, formando uma "dissidência interior" através de uma arte de fachada, da ironia, do cômico. Esse cinismo é uma atitude subversiva porque não são propostos valores para substituírem aqueles que são motivo de zombaria. A preocupação é com o presente, onde se pode afirmar a vida e a morte de todos os dias.

O "virar-se" diante do trabalho, do consumo, do sexo, dos belos discursos, das belas situações, dos bons momentos, da retórica da vida cotidiana, como as fofocas, os bate-papos, os encontros casuais, as piadas, as sentenças, os ditos populares, as literaturas menores, os contos, as poesias, a dança, constitui uma perpétua encenação e mostra que a vida social é uma imensa cerimônia. MAFFESOLI aponta a teatralização da vida cotidiana como a expressão mais completa da duplicidade, do simulacro, da aparência, sendo essas as formas mais concretas do ritual social.

A máscara, a polidez, os costumes, o conformismo, enfim, tudo o que expressa a duplicidade constitui uma proteção. Travestir-se é justificar a existência, pois enquanto a vida é um excesso, uma provocação, a máscara, ao mesmo tempo que esconde, resgata esse excesso.

Existe uma submissão das massas que implica presença, mas não participação. Hoje, a relativização absoluta e cínica dos valores dominantes é muito mais subversiva, pois utiliza a aparente submissão como proteção contra um complexo institucional cujo objetivo é achatar as diferenças. É a partir dessas práticas que se asseguram as resistências, criando um lugar coletivo que serve de terreno para a expressão do querer-viver social, sempre presente nas festas, nas revoltas, nas reuniões, e que atormenta o conjunto do corpo social. Pouco importa o conteúdo dessas ações; é o desejo coletivo que deve ser levado em conta, possibilitando a solidariedade nos sofrimentos e nas resistências. Os vínculos criados nesses momentos tão diversificados possibilitam compreender a confluência de desejos antagônicos irrompidos numa ação comum⁽²¹⁾

A astúcia popular enraíza-se no cotidiano, criando uma proteção que permite a sobrevivência e a resistência às imposições do social e, ao mesmo tempo, a compreensão da sua soberania para além do político e do econômico. MAFFESOLI refere-se a um "imoralismo ético das massas", que aparentemente aceita as diversas imposições morais, mas também consegue encontrar saídas para a expressão do querer-viver da "socialidade". Enquanto a moral funciona com base na lógica do "dever-ser", inspirando a ordem

20 O termo "perverso" é usado no sentido de "per via" = caminho desviado. (MAFFESOLI, O tempo das tribos, p. 72.)

21 IDEM, Dinâmica da violência, p. 79.

estabelecida, a ética é a expressão do "querer-viver", remetendo ao equilíbrio e à relativização recíproca da pluralidade dos valores. A ultrapassagem da moral reforça o laço ético, pois permite a expressão do imaginário, do ludismo, de tudo o que dá qualidade ao "ser-estar-junto" (22).

Essa soberania não é reconhecida oficialmente, mas ela gera "social idade". As minúsculas atitudes diárias em suas expressões plurais constituem fios de uma tessitura que estrutura a comunidade. A comunidade é a forma, um pano de fundo que expressa a cristalização particular de sentimentos comuns. É porque existe partilha de um território, seja ele real ou simbólico, que nasce a idéia comunitária. Assim, a "comunidade emocional" é, para MAFFESOLI, aquele espaço que suscita um conformismo estreito entre seus membros e, ao mesmo tempo, uma resistência à moral estabelecida, pulsionada pelo desejo de estar junto.

As zombarias, o riso, a ironia destacam que é possível reapropriar-se da existência e relativamente dela usufruir contra ou à margem daqueles que são responsáveis em regular a vida social(23) Nas festas, nas comilanças dos fins-de-semana, nas bebedeiras após o expediente, na efervescência, nos jogos, nos excessos de tipos vários estrutura-se uma recusa que expressa o desgaste, a perda, a inutilidade das coisas. O riso é essa presença corrosiva que faz com que a morte seja assumida, vivida, negociada de várias maneiras e no momento oportuno, permitindo à vida existir.

Também são formas de resistência o silêncio social e a palavra. É preciso compreender a ambigüidade dessas atitudes no jogo duplo das massas, que ora resistem à comunicação oficial pelo silêncio e pela não-resposta, e ora afligem, pela tagarelice, o poder institucional. São estratégias que surrupiam o que a institucionalização da sociedade confiscou dentro da sua lógica de racionalização, impedindo que a vida social perca toda a sua qualidade e interesse (24).

Os grafites, as pichações são, para MAFFESOLI, uma "fala para nada", ou seja, não-inteligível, não-transparente, com não-sentido. Em cada um desses casos expressa-se um grupo que delimita o seu território, confirmando a sua existência. Esse coletivo, desprovido de sentido e de finalidade, manifesta-se espontânea e precariamente, perde-se no anonimato, não se dá à interpretação, pois sua significação esgota-se no próprio ato, em que se vive uma solidariedade paroxística. Ao destruir a linguagem, os grafites aproximam-se da poesia, desestabilizando o poder da ordem e do saber. Se todo ganho de fala é também retomada de poder, os grafites representam aquela ação ritual da violência insurrecional, que retoma o "verbo fundador" do social e repete, desse modo, o mito cosmogônico, a gênese do mundo, reestruturando a trama social(25)

Todas as resistências esgotam-se no coletivo, "na comunidade orgânica", onde o desejo coletivo permite a harmonia dos contrários feita de excessos e de violência, mas retorna ritualmente para reunir o que havia dispersado. A função da festa é exatamente essa -reconstituir uma comunidade. O carnaval, os jogos olímpicos redistribuem tudo

22 IDEM, A sombra de Dionísio. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 21-26.

23 IDEM, O tempo das tribos, p. 76.

24 IDEM, Dinâmica da violência, p. 126.

25 Ibid., p. 57-77.

o que foi monopolizado, esquecido. São momentos de uma violência controlada, em que a vida se coloca regularmente em jogo, evitando que sua aceleração incontrolada torne esses momentos unicamente uma negação paroxística. Nesse sentido, a violência, por meio das festas, restaura a solidariedade, unificando os seus elementos dissociados. Essa busca de agregação social expressa o medo essencial diante da solidão, conduzindo à socialização da angústia.

A civilização ocidental privilegia o indivíduo na medida em que as contradições e os antagonismos não são mais vividos coletivamente. Com a perda da solidariedade essencial (o indivíduo isolado da sociedade e da natureza), as opressões do social são enfrentadas na solidão. O resultado é essa multidão solitária, vivendo sua solidão gregária na indiferenciação absoluta e com a exacerbação da agressividade sanguinária cotidiana que prevalece no mundo contemporâneo. Porém, a existência de forças centrífugas mina a imobilidade do coletivo, criando uma tensão vital, geradora de socialidade. O consenso é precário e duvidoso, pois reside no conflito, no aleatório, na falta de finalidade; no entanto, são exatamente essas contradições que o sustentam. Viver a diferença é reconhecer a existência de uma desigualdade essencial que enfraquece a realização de uma unidade generalizada.

As formas de resistência, que expressam a violência banal, constituem um ethos que permite a partilha do sentimento, seja nas rebeliões políticas, nas revoltas, nas greves, seja nas festas, na banalidade cotidiana. Isso significa que uma boa parte da existência social escapa à ordem da racionalidade instrumental, e constitui o que MAFFESOLI chama de "centralidade subterrânea", ou seja, um verdadeiro conservatório do "saber-viver popular", que se mostra somente em algumas situações de excesso, organizando e mantendo a "perduração da socialidade"(26).

A Violência nas Escolas Pesquisadas

As escolas pesquisadas para este estudo pareciam estar minadas por essa reversibilidade da violência. De um lado, a violência estritamente utilitária, que neutraliza as diferenças, levando à submissão e à adaptação. De outro, as reações brutais (dentre elas a depredação) e também as resistências passivas, que subvertem o instituído sem confrontá-lo abertamente.

Os depoimentos obtidos junto aos diretores, professores, funcionários, na primeira fase da pesquisa exploratória, revelaram uma diminuição da depredação feita por elementos externos ao prédio escolar, bem como um elevado índice de depredação interna e de agressividade entre os próprios alunos, principalmente das séries iniciais do 1º Grau.

A perplexidade dos diretores diante da violência reinante entre os alunos conduziu-me à elaboração de alguns pressupostos. O primeiro deles é que a repressão à depredação escolar estaria ocasionando o aumento da violência entre os próprios alunos. Considerei que o controle da depredação, realizado no âmbito de um monopólio administrativo, poderia provocar uma violência não-ritualizada, exatamente por estar desvinculada de um enraizamento coletivo. Referi-me aqui à "violência dos poderes instituídos" que, comparti mentalizando a vida dos alunos e criando manifestações potencialmente mais

26 *IDEM, A sombra de Dionísio, p. 47.*

cruéis, provavelmente estar-se-ia refletindo nos conflitos que caracterizavam as relações de agressividade entre os alunos. Considerei que essa racionalização transformava a Escola num local de dominação e reprodução, com uma visão unificadora dos sentidos da violência. Esse controle "racionalizou" a violência que, no entanto, não foi eliminada, pois essa racionalização desencadeou um outro processo não menos violento: as brigas entre os alunos. Nesse aspecto, aponte a necessidade não de se tirar a segurança das escolas, mas de se perceber que os momentos de caos também fazem parte do todo; que esse caos não acabaria por causa da ordem imposta pelos guardas; ao contrário, dependendo até do modo como essa segurança fosse feita, a imposição da ordem poderia transformar o caos em crueldade. A violência não seria então superada ou controlada pelo diretor, pelo professor, pelos policiais ou pelos alunos, pois a sua dinâmica se expressa através de atos coletivos não-conscientes, que se manifestam na ambigüidade entre a destruição e a construção. As depredações, as brigas entre os alunos, ao mesmo tempo que permitem a expressão de uma explosão reprimida, que descarregam irritações e problemas entre as pessoas, restauram a unidade grupal, neutralizando os poderes internos e instaurando uma tensão permanente. Quando essa tensão é vivida coletiva e ritualmente, ela assegura a coesão e o consenso do grupo, mas quando ela é brutalmente impedida de se expressar, transforma-se em "violência sanguinária" em busca da simbolização que lhe foi negada. Reporto-me a uma organização social fragmentada que tenta a todo o custo reinscrever-se em um simbolismo que permita a expressão de cada indivíduo e de cada grupo social.

Considerando, porém, que a violência é dinâmica, apresentei como segundo pressuposto o fato de a agressividade entre os alunos estar expressando também um desejo de "querer-viver" coletivo. Esse desejo, apesar de não se caracterizar pelo seu aspecto anônimo, no sentido de buscar uma ordem social alternativa, pode ser o indicador de uma reação que se tenta opor à Escola que aí está, gerando manifestações explosivas que não obedecem a nenhum princípio controlador.

Nesse ponto, nós passamos da violência do poder institucional sobre as pessoas para a violência das pessoas sobre esse poder, a qual se pode apresentar não só de modo brutal, mas também passivamente, revelando uma resistência que subverte o instituído, sem confrontá-lo abertamente. Chegamos então ao que MAFFESOLI denomina "violência banal", que se expressa nas escolas pesquisadas por meio de atitudes que aparentemente se integram ao instituído, mas que paradoxalmente se opõem a ele, explicitando uma "socialidade" organizada entre dois pólos: aceitação e resistência. Não se trata mais da violência reduzida à sua estrutura utilitária - "racionalização da violência" -, mas da violência assumida pelo ritual - "ritualização da violência".

O ritual foi uma das noções que possibilitaram compreender a violência nas escolas a partir da expressão não do individual, mas do coletivo, como um desejo de viver social, como uma maneira de se **reconhecer que a ordem é expressão de um eterno conflito.**

As depredações, as pichações, as brigas entre os alunos, a formação das turmas, das "gangs" podem representar uma forma de persistência social que rejeita subjugar-se. Tentei mostrar como essa persistência se manifestava no grupo pesquisado também através das zombarias, do riso, da ironia, do silêncio e de outros elementos de resistência que abriam brechas diante das imposições das normas, do "dever-ser".

Todas essas formas de resistência, que expressam a violência banal, apontavam para a impossibilidade de as escolas serem reduzidas somente a um espaço de dominação

e repressão. Havia uma "socialidade" que garantia a coesão dos grupos, as formas de resistência, o desenvolvimento de microgrupos ou do que MAFFESOLI denomina "tribos"(27).

Acredito que essas categorias abram uma perspectiva no sentido de se compreender o movimento da violência nas escolas. Não se trata de avaliar normativamente as situações consideradas violentas, nem de criar estratégias para "ritualizar", através de um projeto, as atitudes de resistência, mas sim de compreender a "organicidade" da violência como uma possível forma de solução, na perspectiva de estarmos atentos para a tensão sempre presente entre violência destrutiva e construtiva e não para sua superação. E se a Escola é a expressão de um eterno conflito, a violência que daí resulta deve ser objeto de uma negociação perpétua, feita cotidianamente, enquanto as coisas estiverem acontecendo, e não através de planos que manipulem as ações das pessoas com a finalidade de elas descarregarem suas energias e, desse modo, serem mais pacíficas, obedientes e submissas.

Se a depredação está sendo contida, é importante saber para onde essa energia rebelde está-se dirigindo, como ela está-se expressando. Isso implica acompanhar todos os atos coletivos que dinamizam os movimentos dos alunos, dos professores, na maneira de viver e de dizer esse coletivo.

As instituições analisadas apresentavam um "lado de sombra" que me atraía não para ser descoberto, mas para indicar as pistas que falavam dos perigos da sua força. Segui algumas delas.

Por esses espaços circulavam imagens, falas, silêncios, ruídos que descreviam um perfil da violência e davam a ela uma "Organicidade".

A Organicidade da Violência nas Escolas Pesquisadas

Apesar do controle institucional que permeava as duas escolas incluídas no estudo de caso(28) delas, ao valorizar os "pequenos nada's" do seu cotidiano - poder ficar conversando com os colegas no final das aulas, ocupar a quadra mesmo após o expediente, colocar música no recreio etc. -, permitia, acredito que mesmo sem o saber, a expressão desse desejo irreprimível de "estar-junto", a partir e em torno de um território. Na outra Escola, por sua vez, os próprios alunos se encarregavam de dificultar o êxito completo da dominação a que estavam submetidos, através da formação de "turmas", das brigas, das depredações, enfim, de toda ação que lembrasse a eles a necessidade de não sacrificar o sentimento que os unia enquanto grupo. As camisetas das "gangs"

27 Segundo MAFFESOLI, assistimos hoje à emergência de um período empático com a predominância das atitudes grupais. Cada grupo conta suas histórias, cada um participa de uma série de tribos, constituindo o que o autor chama de "neotribalismo", caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos, pela dispersão. No "neotribalismo", as pessoas circulam, participam de uma rede, mas sem um projeto específico. Criam-se cadeias de amizade que possibilitam as relações através do jogo da proximidade: alguém me apresenta a alguém, que conhece outro alguém, e assim por diante. Há uma íntima ligação entre a proximidade e a solidariedade. A ajuda mútua surge por força das circunstâncias e sempre pode ser ressarcida no dia em que se tiver necessidade dela. Os grupos sociais dão forma aos seus territórios e às suas ideologias, e depois são constrangidos a se ajustarem, suscitando uma multiplicação indeterminada de tribos que seguem as mesmas regras de segregação e de tolerância, de atração e de repulsão. (Ver, a esse respeito, O tempo das tribos, p. 35-36.)

28 ante a pesquisa, realizei dois estudos de caso, comparando a Escola estadual mais depredada de um bairro da periferia de Campinas com outra, situada no centro da cidade.

com seus emblemas, seus versos, as tatuagens marcavam no corpo e igualmente em todos os corpos do grupo a recusa à Escola enquanto instituição normalizadora.

Encontrei nesses espaços sinais de um "apelo afetivo"(29) ligava as pessoas a um território onde buscavam a partilha de interesses comuns. As pequenas histórias do dia-a-dia falavam de um tempo que se cristalizava em espaço. Em **outras palavras**, a história de um lugar acabava-se tornando história pessoal, formando um "nós" que valorizava o que era comum a todos.

Tudo o que nos une a um lugar é o que é vivido em conjunto com os outros. O lugar se torna laço e a agregação em torno dele é o dado básico de toda forma de "socialidade".

Nos casos explicitados, as conversas com os colegas, os assuntos banais, as pichações de muro, as depredações, as brigas representavam uma forma de marcar esse território que era a Escola. Em cada um deles um grupo se expressava, delimitava seu território e, desse modo, criava uma "aura" específica que serve de cimento ao "tribalismo".

Essa propensão ao reagrupamento constituía uma vasta rede que ligava os alunos entre si, porém não significava unanimidade. Tanto na Escola localizada na periferia, na qual a administração se opunha aos alunos de modo mais explícito, quanto na Escola do centro, onde o controle era mais camuflado, formavam-se associações heterogêneas, "inimizades partilhadas", que conduziam a uma ligação entre os alunos, ainda que provisória e hostil.

A diferença entre as duas escolas parecia estar na forma como as respectivas direções integravam os elementos perturbadores, respeitando ou desqualificando a expressão de cada aluno, de cada professor, de cada funcionário e dos grupos que eles representavam.

Embora a instituição escolar tenha um poder de dominação que não tolera as diferenças e justifica a monopolização da violência por especialistas em repressão, ela também é recortada por formas de resistência que se negam submeter-se às imposições das normas do "dever-ser".

Na Escola do centro havia uma "ritualidade" envolvendo todas as pessoas num movimento coletivo que, apesar de conflitual, contava, em alguns momentos, com a cumplicidade da direção e de alguns professores. Já na Escola da periferia, o controle das efervescências encontrava-se desvinculado de sua base coletiva, provocando um distanciamento cada vez maior entre os grupos que não partilhavam os segredos, as senhas, enfim, os sinais de reconhecimento que possibilitariam uma "comunicação de base"(30). Ou seja, para além das coerções, haveria uma circulação de afetos que abriria espaço para a passagem de todas as atitudes tidas como não-lógicas, porém representativas dos grupos constitutivos da Escola. Mas, ao pretender a "normalização" do seu ambiente, as menores faltas ou desvios dos seus membros pareciam conduzir a conflitos internos às vezes inconciliáveis.

29 O termo "afetivo" é empregado por Michel MAFFESOLI no sentido do emocional que remete a uma ambiência global. A sua base não é a afetividade dos indivíduos, como na análise freudiana, mas o afetual que acentua a dimensão geral. Os modos de vestir, de comer, de viver expressam estilos de vida que se capilarizam no tecido social, formando o "em torno", o cotidiano, ou essa ambiência da qual cada um de nós está impregnado, mas num aspecto englobante. (Conforme anotações de aula do curso **A Cultura Pós-moderna**, ministrado pelo professor MAFFESOLI.)

30 Trata-se de um discurso paralelo ao discurso político, científico, racional, e que, através dos rumores, dos mexericos,

dos fantasmas, traduz a angústia coletiva do tempo que passa." (MAFFESOLI, *A conquista do presente*, p. 67-68.)

Juntamente às discussões que envolvem as temáticas dos currículos, das formas de avaliação, do conteúdo, não podemos perder de vista essa "organicidade" do presente que aponta para a existência de uma fermentação constante do descontínuo, dando ao conjunto o que MAFFESOLI denomina "unicidade viva". Enquanto o conceito de totalidade é extensivo, exaltando não o que é, mas o que poderia ser, almejando o além do imediato, em direção ao futuro(31), a tendência da "unicidade"(32) não é nem a superação das contradições visando a um "final feliz", nem o além, mas o "aqui e agora", daí o seu aspecto intensivo, onde contamos com fragmentos e não com um processo que inclua começo, meio e fim.

Geralmente, a preocupação com o que a Escola deveria ser nos afasta do que ela é. Exaltamos o além do imediato, o futuro, a **utopia**, no sentido não do que está aqui, mas do que vem depois na projeção de um mundo perfeito. Uma luta para o presente não se constitui em função de um além, mas de um "aqui e agora" que não suprime o mundo vivido. Esse presente carrega "pequenas utopias", ou seja, a vivência de pequenas liberdades que se desenvolvem sem o pensar, sem a consciência que fica atenta aos modos de vida, à multiplicidade de práticas, de pequenos gestos vividos cotidianamente por alunos, professores, diretores e pela própria comunidade. O projeto do futuro, da política, não pode deixar de lado essa questão, pois a utopia, no sentido de "a-cronia", não salta por cima do tempo e vive a intensidade do presente para melhor estabelecer-se no tempo. Se a atenção não estiver somente no futuro, perceberemos melhor como a aparente submissão, que nas perspectivas política e econômica coloca-se em função de uma "ideologia dominante", poderá ser muito mais o sinal de uma "duplicidade Subversiva".

Não quero negar o comprometimento que o educador deve ter com o desenvolvimento da justiça econômica e política, quer nas escolas, quer no contexto social maior; trata-se apenas de evitar-se o distanciamento em relação à vida social. As práticas diárias, as experiências vividas dentro da Escola podem apontar elementos que não se explicam apenas pelas questões políticas maiores. É evidente; não se pode mais desconsiderar que a desigualdade econômica se reflete na desigualdade cultural distribuída na Escola. E muitos teóricos da Educação(33), que tentam ir além das teorias de reprodução, começam a perceber a necessidade de considerar seriamente as especificidades da vida cotidiana. Porém, o cotidiano é, para esses teóricos, muito mais uma forma de se entender como o poder é reproduzido, mediado e resistido, ao nível da existência diária, do que um campo que, por sua heterogeneidade, não se deixa apreender unicamente por uma racionalidade dominante.

Não há mais um modelo a ser seguido e, nesse sentido, aponte, com esse trabalho, algumas pistas não para a eliminação da violência, mas para a compreensão de sua organicidade na Escola, de sua flexibilidade e de seu duplo movimento, mostrando, ainda, que esse fenômeno indica uma tendência constante para o destrutivo e o construtivo. A organicidade expressa-se numa multiplicidade de formas, que adquirem, através da ação e reação de alunos e professores, um movimento não-consciente, não-planejado. Há uma "cenestesia"(34), um tipo de equilíbrio que faz com que todos os elementos entrem

31 Henry GIROUX. Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução. p. 313.

32 Michel MAFFESOLI. *O conhecimento comum*, p. 169.

33 Como, por exemplo, Henry LEFEBVRE (La vida cotidiana en el mundo moderno) e Agnes HELLER (Sociologia de la vida cotidiana).

34 Termo empregado por Michel MAFFESOLI em *O conhecimento comum*, p. 162, 190 e 234.

em comunicação uns com os outros, e quando isso não ocorre, há uma explosão que se manifesta com ou sem a intervenção do aparato policial.

Compreender a organicidade da violência na Escola implica aceitar esse lugar como aquele que se expressa numa extrema tensão entre forças antagônicas. Implica, ainda, formar professores que aprendam não a tarefa de homogeneizar pelo esquadrihamento do tempo, do gesto, das atitudes, mas a arte de lidar com os conflitos, não para suprimi-los, mas para conviver com eles. Essa convivência não significa "liberou geral"; significa um trabalho que apreenda a ambivalência de movimentos violentos dentro da Escola. A partir daí poderemos até chamar um batalhão de soldados para conter os excessos, mas o importante é saber que essa ação não impedirá outras formas de manifestação da violência, pois ela não se acaba, ela tem vários sentidos, é perversa, isto é, segue caminhos desviados, que não são controlados nem pela racionalidade de projetos educacionais, nem pela intervenção de órgãos de segurança, nem mesmo pela ação mais liberal de alguns diretores.

Não estou querendo dizer com isso que a violência é uma força irracional; pelo contrário, ela tem uma lógica interna, que somente pode ser compreendida a partir de uma visão das diferentes maneiras de como ela se apresenta na experiência presente. Não se tem a pretensão, como afirma MAFFESOLI, de "valorizar esteticamente a violência". Podemos lamentá-la, combatê-la, mas o importante é observar esse fenômeno em ação, analisar seus efeitos e compreender que os riscos de desordem sempre estarão presentes; eles são inevitáveis, incontornáveis e uma das saídas talvez seja manter na Escola alguns espaços vazios para dar lugar às rupturas, por onde se afirmem as diferenças.

Que o coletivo não seja uno e possibilite expressões rebeldes e inconformistas; que se crie uma dinâmica mais coletiva dentro da Escola, abrindo espaço para o lúdico, para a imaginação, para a circulação das falas.

A repressão que homogeneiza cria uma violência manipuladora, esquadrihadora, que assepsiza tudo ao seu redor e conduz inevitavelmente à violência interiorizada, a de cada um contra todos. Mas não nos podemos iludir, pois o "reprimido retorna sempre"(35). Quando se pensa que os policiais fardados - com suas viaturas, cachorros, metralhadoras -, que os muros, as grades, as zeladorias das escolas estão sendo suficientes para acabar com a depredação, surge um movimento inesperado, na tentativa de escapar à imposição mortífera do instituído.

Conclusão

Esse caminho que descreve a violência do seu interior amplia nossa análise em vários sentidos, permitindo até compreendermos melhor esse campo em que ocorre a depredação, sem, no entanto, limitá-lo às questões do controle e do autoritarismo, geralmente personificados na figura do diretor.

A violência tem uma força assustadora, ela é "fonte de vida", mas também leva à morte, e "nada há de mais legítimo em combatê-la". Mas é preciso ter cuidado, pois a ambivalência da nossa vida diária nos mostra que o tecido social se apresenta não

35 Michel MAFFESOLI. Dinâmica da violência, p. 89.

como um produto acabado, mas como algo que se faz constantemente, no entrelaçamento de pequenos fios. É necessário compreender como esses pequenos fios se constituem, qual a lógica interna da sua construção.

Durante o seminário sobre Segurança Escolar na região metropolitana da Grande São Paulo, realizado em fevereiro de 1989(36), alguns diretores manifestaram a compreensão de que nem todos os problemas da Escola podem ser resolvidos por um programa de segurança escolar. Muitos relatos revelaram que as soluções mais eficazes surgiram de um "acordo" que os diretores fizeram com as "próprias forças perturbadoras" da Escola e não através da intervenção policial. Quero dizer com isso que são movimentos de atração e repulsão dentro da Escola que garantem a existência de um certo equilíbrio. Mesmo quando os diretores atribuíam ao guarda a diminuição das depredações, dos assaltos e das brigas, arrisco afirmar que a situação não foi modificada pela presença do policial em si, mas pelo tipo de mobilização que ele provocou dentro da Escola. O relatório sobre a segurança escolar da Divisão Regional de Ensino-5 Leste apontou, dentre uma série de itens que valorizavam a permanência do policial militar na Escola, o bom entrosamento entre este profissional da segurança e os alunos, "que o vêem como amigo, conselheiro etc.". Por uma série de fatores, alguns dos quais até mesmo desconhecidos, houve, nesses casos, uma "fusão" estabelecida através de uma atmosfera amigável, que pode inclusive ter sido produzida com a colaboração de policiais que não somente assumiram os valores da sua corporação como aceitaram também os da comunidade escolar. Porém, a partir do momento em que os valores da corporação se sobrepunham aos das outras "tribos", essa fusão tornava-se impossível.

A única consistência dos fatos por mim apreendidos parecia estar numa força agregadora que servia de suporte à partilha de um sentimento. O "estar-junto" expressava uma tensão que impedia a redução da manifestação da violência somente a um dos seus aspectos. Essa violência, que não se apaga nunca, circulou por todos os espaços desta pesquisa e, na sua ambigüidade, abriu as brechas para as resistências que funcionaram como ameaças, não a favor da violência, mas no uso dela. É preciso que os educadores reconheçam os elementos que compõem esse fenômeno para além do político, do econômico, do social, do psicológico, avaliando o jogo das duplicidades, percebendo como as diferenças e os antagonismos apontam para o aparecimento de uma rede de comunicação não-explicita. Essa rede nos fala alguma coisa. Ela se apropria do espaço escolar através de estratégias, de astúcias, que expressam o desejo irreprimível de viver e de conviver, ainda que de forma conflitual.

36 Este seminário envolveu a participação dos seguintes órgãos: Secretaria da Educação, Secretaria da Segurança Pública e Fundação para o Desenvolvimento da Educação. O objetivo geral do encontro era abrir um espaço para a troca de informações e idéias entre a comunidade escolar da região da Grande São Paulo e os segmentos da Polícia Militar encarregados da segurança escolar na região.

Referências Bibliográficas

- GIROUX, Henry. Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução. Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis, 1986.
- GUIMARÃES, Áurea M.A *depredação escolar e a dinâmica da violência*. Tese (doutorado) -Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1990.
- HELLER, Agnes. Sociologia de la vida *cotidiana*. Trad. José Francisco Ivars, Enric Nadal. Barcelona : Ed. Península, 1977.
- LEFEBVRE, Henry. La vida *cotidiana en el mundo moderno*. Trad. Alberto Escudero. Madrid : Alianza Ed., 1972.
- MAFFESOLI, Michel. A violência totalitária: ensaio de antropologia política. Trad. Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro : Zahar, 1981.
- . A conquista do presente. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro Rocco, 1984.
- . A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Trad. Aluísio Ramos Trinta. Rio de Janeiro : Graal, 1985.
- . Dinâmica da violência. Trad. Cristina N. V. França. São Paulo : Ed. Revista dos Tribunais, 1987.
- . O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Trad. M. de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro : Forense, 1987.
- . O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva. Trad. Aluizio Ramos Trinta. São Paulo : Brasiliense, 1988.